

Sobradinho guarda

Os 196 leitos do antigo hospital-escola

caros aparelhos sem uso

atendem pacientes até de Estados nordestinos

O Hospital Regional de Sobradinho definhou ao longo dos anos. A doença é a falta de pessoal, material e espaço. A Unidade de Terapia Intensiva está fechada, guardando caríssimos aparelhos, apesar de toda a deficiência de material na rede hospitalar do Distrito Federal. A UTI funcionou até agosto do ano passado e depois, por decisão da Secretaria de Saúde, o material e os profissionais especializados foram transferidos para outras unidades.

Além disso, até 1980 o Hospital era tido como o mais importante centro formador de mão-de-obra porque ainda mantinha resquícios do antigo hospital-escola, chamado assim quando foi inaugurado. Era para ser o modelo, mas só conseguiu ser mais um hospital dentro do sistema de saúde do DF. Ele chegou a ser dirigido pela Fundação da Universidade de Brasília, mas depois voltou às mãos da Fundação Hospitalar.

Os sintomas da doença foram se agravando. A cerca de 25 quilômetros do Plano Piloto, o HRS chegou ao coma quase total quando ficou na iminência de desativação entre fevereiro e junho de 1980. Os 196 leitos disponíveis atendem a uma população que abrange Minas Gerais, Goiás, Bahia, Piauí e outros Estados nordestinos, já que, para algumas cidades limítrofes com o DF e Goiás, o hospital de Sobradinho é o mais próximo.

SOBRECARGA

A maioria dos médicos do HRS está sobrecarregada. Os profissionais são obrigados a suprir a falta de outros médicos (assim como enfermeiros, auxiliares e outros) trabalhando quase dobrado, já que a população aumentou, o número de médicos reduziu-se e a deficiência de material provoca arranjos para não deixar de atender o paciente. Os 170 médicos que trabalham no HRS correm o risco, depois do fechamento da emergência do Hospital de Base, de ver filas cada vez maiores e de serem obrigados a atender mais gente por dia.

Na hora de maior pique, o Hospital de Sobradinho é igual aos demais da rede. Corredores cheios, salas de repouso no pronto-socorro lotadas de gente esperando uma vaga e improvisações a toda hora por falta de leitos, segundo apurou o CORREIO BRAZILIENSE.

Espaço. Este é um dos maiores problemas enfrentados hoje em todo o hospital e, principalmente, no arquivo. Lá são arquivadas três vezes mais fichas do que a capacidade inicial. Alguns armários já estão pelos corredores. O problema de acomodação dos pacientes por falta de espaço acontece, também, no ambulatório, no almoxarifado geral e no problema se repete.

REMEDIOS

Assim como em outros hospitais, em Sobradinho faltam medicamentos. A farmácia é pequena, assim como todo o hospital, e a demora no fornecimento do material pela farmácia central é comprometedora. Muitos doentes, segundo o arredo vice-diretor Bolívar Leite Coutinho, deixam de levar o remédio.

O diretor-geral do Hospital de Sobradinho, Marcos Antônio Porto (que a princípio proibiu fotos e a reportagem de percorrer o hospital), informou que falta material cirúrgico. O diretor, que não quis acompanhar a reportagem e mandou o vice Bolívar Leite Coutinho (que inicialmente tentou proibir algumas fotos), informou, ainda, que são atendidos cerca de 400 pacientes por dia no pronto-socorro. Um número considerado elevado pelo Sindicato dos Médicos.

O problema é mais sério do que o Hospital aparenta. Os próprios diretores admitem que a estrutura dos hospitais de modo geral é falha e falta dinheiro. Falta dinheiro, não se pode comprar os cobertores que o HRS está precisando, por exemplo. A FHDF alega que a empresa fornecedora não pode atender aos pedidos por falta de matéria-prima, mas a solução seria comprar de outro modo.

MATERNIDADE

O vice-diretor Bolívar Leite Coutinho lamenta que a maternidade do hospital



Mãe longe do filho

seja em um andar e o berçário em outro. Uma das grandes falhas inexplicáveis quando se montou o hospital. Quando uma criança nasce é levada ou pelas enfermeiras ou ajudantes para outro prédio, passando por corredores de acesso, e fica temporariamente longe da mãe.

O diretor-geral se queixa que pacientes de cidades do interior da Bahia, por exemplo, têm como referência o Hospital de Sobradinho. Marcos Porto revela que "é um inferno" quando estes pacientes exigem exames que não pode fazer. Acidentes mais graves que necessitam de operações mais complicadas são atendidos no HRS. "Vem gente até do interior da Paraíba", comenta Porto.

Diante da necessidade de ampliação do hospital, apesar da falta de recursos, a existência de um galpão para depósito de material nos fundos do hospital é encarada com naturalidade pela diretoria. Lá funciona o escritório de limpeza ao lado do transporte e manutenção. O galpão é carinhosamente chamado de "carrefour" porque guarda materiais em geral.

RELATÓRIO

Há 60 dias o Sindicato dos Médicos divulgou um relatório sobre todos os hospitais do DF. Para o de Sobradinho muitas medidas foram sugeridas e até agora não cumpridas. Desde melhor remuneração à compra de material, instalação de serviço de fisioterapia para os pacientes de clínica ortopédica, cirúrgica e neurológica, passando pela instalação de salas específicas para nebulização e reidratação oral, até a reativação da Unidade de Tratamento Intensivo. Mas nada disso foi feito.

Ainda no mesmo relatório, o Sindicato mostra a necessidade de reutilização de aparelhos importantes e caros que deixaram de funcionar e relaciona uma dezena de outros fundamentais para o funcionamento com um mínimo de condições.

"Nós não vamos melhorar o estado de toda a rede hospitalar se não aplicarmos em materiais e salários dos médicos e paramédicos", comentou o vice-diretor Bolívar Leite Coutinho. Ele ficou impressionado quando soube que o Hospital de Sobradinho gastou, em junho, cerca de Cz\$ 26 milhões.



Marcos Antônio Porto

Valença acha saúde desafio

"Um grande desafio". É dessa forma que o secretário de Saúde, Laércio Valença, encara a tarefa de tornar o sistema de saúde mais eficiente. Observa que esta é uma missão de todos os que trabalham na área, "ocupem ou não um cargo de chefia". Segundo o secretário, já estão sendo postas em prática algumas modificações nos centros de Saúde a fim de agilizar o atendimento, a rede hospitalar será reequipada em breve e diversas reformas nos prédios de hospitais das satélites já estão em andamento. Valença afirma ainda que a Secretaria tem verba suficiente para manter seus estoques de medicamentos durante todo o segundo semestre.

Garante que nenhum outro prédio hospitalar está com sua estrutura comprometida como o do pronto-socorro do Hospital de Base. "O que existe em outros hospitais é a necessidade de manutenção. Esta manutenção não vinha sendo feita há anos". A Secretaria está atuando no sentido de realizar as reformas físicas mais urgentes. Segundo o secretário, serão empregados só no Hospital Regional do Gama, este ano, Cz\$ 9 milhões.

Três cláusulas da pauta de reivindicações negociadas entre os médicos e o GDF na última greve, já foram cumpridas ou estão bem adiantadas: a não punição de servidores; indicação de um membro do Sindicato para integrar a Comissão Interinstitucional de Saúde e a participação de um representante da categoria no Conselho Deliberativo, que ainda não foi indicado pelo Sindicato. Valença acrescenta que o regimento das comissões partidárias que terão a função de levantar as condições de trabalho e de funcionamento dos hospitais já foi discutida. Estas comissões serão formadas por três representantes dos médicos e três das instituições.

Outra antiga reivindicação dos médicos, a elaboração de um Plano de Cargos e Salários, também já está sendo estudada pela Secretaria. "É importante acabar com estas distorções existentes hoje". Cita como exemplo a concentração de muita gente em um mesmo nível e o grande desnível salarial entre cargos de funções semelhantes. A contratação de mais pessoal também está nos planos da Secretaria e deve ser feita logo que a lei eleitoral permita.

Dentro do plano de reequipamento da rede hospitalar, o HBB vai receber equipamento para tomografia computadorizada, medicina nuclear e ecografia. O material foi adquirido na França que, em contrapartida, concedeu ao Brasil um empréstimo do mesmo valor - Cz\$ 79 milhões - para a aquisição de equipamento médico de fabricação nacional, que vai ser destinado aos outros hospitais da rede.

O esquema de remanejamento dos pacientes do pronto-socorro do HBB para outros hospitais será traçado por uma comissão que vai ser formada ainda esta semana e ficará sob a coordenação do ex-diretor da Fundação Hospitalar, João da Cruz. Valença está convicto de que não há nenhuma relação entre a demissão de João da Cruz e o fechamento do HBB.

Quando às afirmações do presidente do Sindicato dos Médicos Carlos Saralva, de que iria tentar falar diretamente com o governador ou com o chefe do Gabinete Civil, Guy de Almeida, porque o secretário não possui autonomia para tomar decisões em relação às reivindicações salariais da categoria, Valença observa que "pessoalmente não endosso este ponto de vista": os problemas da Secretaria serão resolvidos através da Secretaria enquanto eu estiver aqui - concluiu.

Reforma só termina em dezembro

Milhões de dólares estão guardados na Unidade de Terapia Intensiva do Hospital de Sobradinho. Desde quando fechou, em agosto do ano passado, a UTI serve de depósito para aparelhos sofisticados como respiradores, monitores, cardioversores, além de bicos e encaixas de oxigênio e ar comprimido. Toda esta aparelhagem vai esperar pelo menos até o fim do ano para ser usada, quando termina a reforma prevista no setor.

Grande parte do material da UTI foi removida para o Hospital da Asa Norte, assim como os profissionais. Estas pessoas são raras e trabalham em regimes diferentes dos demais médicos; são chamados de intensivistas. Segundo o diretor-geral do Hospital Regional de Sobradinho, Marco Porto, a Secretaria de Saúde decidiu fechar a UTI alegando que estava custando muito e atenden-

do pouca gente. Uma decisão, portanto, de administrador de empresas que dão lucro.

As salas - mais de 10 - da UTI desativada guardam verdadeiras fortunas. Todos estes aparelhos estão empoeirados e sob a responsabilidade do chefe da UTI, Carlos Roberto Gantois. Na apertada sala de equipamentos estão guardados um respirador, um cardiovisor entre armários e biombo. Na sala principal da UTI existem 15 bicos de oxigênio e ar comprimido. Três leitos estão à espera da reforma na sala principal e mais dois na sala de isolamento. Nesta mesma sala existem oito monitores e aparelhos telefônicos também sem uso.

JUSTIFICATIVA

A pequena Unidade de Terapia Intensiva dava prejuízo. As acomodações para o repouso dos médicos

Proposta agrada profissionais

Os representantes sindicais de todas as categorias do setor saúde reuniram-se ontem com o secretário Laércio Valença para saber das propostas do Governo quanto às suas reivindicações feitas há dois meses, durante acordo que pôs fim à greve do setor. Ontem, terminou o prazo que profissionais da área deram ao GDF para que estas reivindicações fossem atendidas e eles saíram satisfeitos da reunião.

Segundo a presidente do Sindicato dos Médicos, Maria José da Conceição, que reassumiu o cargo ontem, as negociações avançaram se comparadas com os outros encontros pois a Fundação Hospitalar apresentou uma proposta alternativa que, se não é a ideal, pelo menos agradou aos líderes sindicais.

Informou a médica que a Fundação pretende ampliar as outras categorias o pagamento dos quatro por cento de produtividade já ganhos na Justiça pelos médicos e odontólogos. "Além disso, ficou combinado

que a Fundação passaria a pagar o triênio aos funcionários que entraram depois de agosto de 1982", disse ela.

Foi criada ainda, durante a reunião de ontem, uma comissão para estudar uma forma de gratificação para beneficiar os funcionários que atuam na periferia. Esta comissão será formada por representantes do sindicato e da Secretaria de Saúde ou da Fundação Hospitalar.

Maria José lembrou que a greve dos médicos teve dois motivos: melhores salário e condições de trabalho. "Por isso, hoje nós verificamos que a nossa greve possibilitou um avanço político, já que nós conseguimos demonstrar ao governo as condições precárias em que funciona a rede hospitalar do Distrito Federal. Uma prova disto é o fechamento do HBB, cujas más condições foram denunciadas por nós durante a greve".

ALTERNATIVAS

Laércio Valença não ad-

mitiu ao CORREIO BRAZILIENSE que havia sido acertado algum acordo de forma concreta com os profissionais de saúde. "Eu apresentei as dificuldades e discutimos algumas alternativas mas não posso prometer nada. Mesmo porque a decisão final cabe ao GDF e não a mim". O secretário espera que dentro de poucas semanas possa chegar a uma solução definitiva para o setor.

Disse ainda que houve um consenso entre eles de que o novo plano de cargos e salários teria que ser resolvido a longo prazo, respeitando as limitações econômicas e até mesmo legais.

Ontem, foi apresentado também pelo Sindicato dos Médicos o nome do representante da entidade junto ao Conselho Deliberativo da Fundação Hospitalar. É o médico Felipe Alberto Barbosa. Agora, o governador José Aparecido deverá dar seu parecer sobre a escolha.